

Distância menor para um acordo

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Quando o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, afirmou na sexta-feira que a distância entre o Brasil e seus bancos comerciais credores diminui na busca de um acordo sobre a dívida externa de cerca de US\$ 40 bilhões, não estava sendo retórico. Novos detalhes sobre a evolução das negociações indicam que sua afirmação é correta.

Tanto o Brasil quanto os bancos melhoraram os termos de suas propostas para os dois bônus de redução temporária de juros, chamados tentativamente Flirb (com taxa de juro fluutuante) e Tirb (com capitalização de juros nos primeiros seis anos e juros fixos do sétimo ano em diante). Embora pequenos, os dois avanços em conjunto são considerados significativos.

Os banqueiros inicialmente pediram juros de 4,5% nos primeiros dois anos de vida dos dois papéis. Recentemente reduziram esse valor para 4,375% nos dois primeiros anos. O Brasil propôs juros de 2,5% no mesmo período, e os mantém. Mas aceitou pagar mais 25 pontos-base (ou centésimos de ponto) em dois dos seis anos em que os juros seriam reduzidos, desde que não sejam os dois primeiros anos.

Em relação à sexta opção, chamada simplesmente de "reestruturação" porque não terá a forma de um bônus (apenas converte a dívida antiga num título de dívida novo), os bancos também melhoraram sua proposta inicial. Agora aceitam o pagamento de apenas 4,375% de juros sobre o novo título nos primeiros dois anos. A diferença entre o valor que o País paga e a taxa de mercado é capitalizada e soma-se ao principal a partir do sétimo ano, com taxas flutuantes.